

AVALIAÇÃO E O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM ONLINE

Izabella Saadi Cerutti Leal Reis

Universidade Anhembi Morumbi

bella@anhemi.br

054-TC-F3

RESUMO

Devido ao aumento da oferta de cursos on-line e a necessidade de adaptar os modelos de avaliação existentes às novas características dessa forma de ensino, torna-se cada vez mais necessária a existência de um modelo sistemático que possa contribuir efetivamente na tarefa de sua avaliação. O objetivo deste artigo é apresentar uma visão geral sobre as novas práticas de ensino e aprendizagem que têm sido aplicadas a cursos on-line, a partir de quatro aspectos que influem no processo avaliativo: Tutoria, Frequência e Participação, Planejamento e Autoria, e Aprendizagem. Tais aspectos são apresentados ainda em diversos fatores, através de recomendações e orientações.

***Palavras Chaves:** Educação a distância, ambiente virtual de aprendizagem, Internet, avaliação.*

1. INTRODUÇÃO

Ao se incorporarem recentes recursos tecnológicos à forma de ensinar, foi preciso repensar a maneira de avaliar o processo de ensino aprendizagem, escolhendo e elaborando métodos e instrumentos que melhor atendessem à nova proposta. Essa necessidade fica clara quando nos referimos a educação a distância, pois nessa modalidade de ensino é de suma importância que não só o professor, mas principalmente o aluno possa acompanhar, ao longo do curso, a evolução do aprendizado.

Na prática do ensino presencial o professor já está habituado a realizar esse acompanhamento, aplicando ao longo do processo de ensino-aprendizagem alguns dos

principais tipos de avaliação: normativa, criterial, somativa, formativa, diagnóstica e auto-avaliação. Em contrapartida, no ensino a distância, a avaliação têm sido repensada em diversos aspectos e sofrido, com isso, alguns ajustes.

O caso aqui apresentado descreve os aspectos envolvidos na aplicação da avaliação formativa, adotada como principal forma de avaliação tanto do aluno e do professor como do processo de ensino-aprendizagem na disciplina on-line de Metodologia Científica ministrada numa Instituição de Ensino Superior, em São Paulo. A escolha pela avaliação formativa se deu por ela privilegiar todo o processo de ensino-aprendizagem e uma melhor análise dos aspectos envolvidos ao longo das aulas. Como consequência disso, a observação e a coleta dos dados acerca do objeto que estava sendo avaliado permitiam que os alunos e o tutor ajustassem suas estratégias, reconhecendo e corrigindo os erros cometidos na realização das tarefas.

Há uma busca por uma avaliação formativa, que, segundo Perrenoud (1999) pode ser entendida como “toda prática de avaliação contínua que pretenda melhorar as aprendizagens em curso, contribuindo para o acompanhamento e orientação dos alunos durante todo seu processo de formação. É formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

Outros dois tipos de avaliação foram adotados como complemento, a avaliação somativa e a auto-avaliação. Isso porque além da preocupação com uma avaliação que ajudasse na melhoria do processo de ensino aprendizagem, era necessária uma etapa que tivesse como uma das suas principais finalidades a certificação e/ou classificação do aluno. Por isso, foi incluída também a avaliação somativa ao final da disciplina, de forma que fossem contemplados todos os conteúdos abordados até aquele momento. Aliás, a comprovação de resultados é a principal função desse tipo de avaliação.

A avaliação somativa dá uma maior ênfase aos instrumentos de avaliação como provas, privilegiando a nota como forma de verificar se o aluno alcançou os objetivos pretendidos, considerando como prioridade a assimilação de conteúdo. (Campos, 2003)

Foi somente com a auto-avaliação que o processo avaliativo ficou completo, pois ela permitiu que em uma determinada situação de aprendizagem o aluno desenvolvesse estratégias de análise e interpretação de suas produções e sua autonomia, favorecendo a tomada de consciência do seu percurso de aprendizagem.

A auto-avaliação favorece, também, a construção de estratégias pessoais no desenvolvimento profissional do aluno, o estabelecimento de metas e o exercício da

autonomia em relação à própria formação. Em outras palavras, a autoavaliação promove a tomada de consciência de si próprio. (Campos, 2003)

Para colocar em prática esse processo avaliativo foram planejadas e estrategicamente posicionadas ao longo do curso, três etapas: Inicial, Progressiva e Final.

Na etapa inicial foi realizada uma atividade de apresentação no fórum de discussão para favorecer a integração do grupo e o levantamento de informações sobre o perfil de cada aluno. Essa atividade poderia, também, ter sido síncrona, realizada por meio de um bate-papo informal no Chat. Ao elaborar a proposta dessa atividade houve uma preocupação em planejar algo que despertasse o interesse do aluno, motivando-o a trocar informações com os demais colegas e a se socializar com todo o grupo. As informações solicitadas foram desde características básicas do grupo de alunos, como dados pessoais, informações acadêmicas, experiência com a Internet, como também um levantamento sobre expectativas em relação ao curso, etc.

Diante das informações coletadas o professor pôde melhor aplicá-las no planejamento das atividades e nos exemplos citados dentro do conteúdo do curso. Além disso, elas forneceram pistas sobre a melhor forma de comunicação com os alunos.

Já na etapa progressiva o objetivo foi acompanhar a participação e presença dos alunos e dos professores durante todo o período de aulas on-line. O professor ficou responsável por avaliar os alunos quanto à participação nas aulas on-line e realização das atividades propostas, registrando o desempenho e possíveis dificuldades apresentadas por cada um, enquanto a pedagoga da equipe continuou supervisionando e orientando a atuação dos tutores. Foi durante essa etapa que os alunos puderam realizar a auto-avaliação, refletindo sobre o aproveitamento durante as aulas, comentando, inclusive como estava sendo a relação com os professores (tutores).

O professor foi avaliado quanto às atribuições delegadas no momento da contratação e durante a oficina de capacitação, realizada antes de iniciar as aulas. Observou-se se as respostas às dúvidas encaminhadas pelos alunos estavam sendo enviadas em tempo hábil, dentro do prazo de quarenta e oito horas; se havia mensagens motivacionais para a turma, acompanhamento individual para alunos que demandavam maior atenção, realização de debates mediados no Fórum e Chat, acompanhamento semanal da participação e ausência dos alunos nas aulas, etc.

Em relação à etapa final entende-se como o resultado de todos os outros momentos de avaliação verificados ao longo do curso, somado a aplicação de uma

prova presencial para os alunos, atendendo a exigência do MEC. Ao longo dessas três etapas foi possível refletir sobre diversos aspectos que influem no processo avaliativo e aqui serão destacadas pelo menos quatro: Tutoria, Frequência e Participação, Planejamento e Autoria, e Aprendizagem.

2. TUTORIA

O fato de a educação a distância exigir novas habilidades e competências ao docente para atuar no processo de ensino-aprendizagem on-line tem motivado diversos educadores a rever conceitos e práticas de ensino exercidas durante anos de experiência com docência presencial.

Em relação às habilidades exigidas para o tutor, denominação geralmente atribuída ao professor on-line, a competência tecnológica apesar de não ser a principal, é essencial para que ele possa agir com naturalidade, agilidade e aptidão no ambiente virtual repleto de recursos tecnológicos que irá utilizar. Caberá a ele atuar de uma forma muito mais presente e ao mesmo tempo passiva, como uma espécie de arquiteto cognitivo, projetando os caminhos para que os alunos, mais ativos e autônomos, tenham a opção de escolher a melhor trajetória na grande rede hipertextual que é o currículo hoje.

Das atividades normalmente desenvolvidas pelo professor na educação convencional, uma parte deixa de existir enquanto outras se modificam. Ele continua a orientar e reorientar a aprendizagem dos alunos, a ajudar no esclarecimento de suas dúvidas, a identificar dificuldades, a sugerir novas leituras ou atividades, e ao mesmo tempo aprende como orientá-los na constituição de comunidades de aprendizagem capazes de desenvolver projetos em conjunto, de se comunicar e aprender colaborativamente. Por isso, a interação com os alunos não se limita apenas ao contato pessoal, surge uma nova relação motivada pelos novos recursos de informação e comunicação.

Enfim, o tutor precisa ser um profissional ativo, dinâmico, que no decorrer da disciplina, de acordo com o *feedback* que for obtendo dos alunos proponha temas polêmicos de interesse do grupo, para serem discutidos e, sempre relacionados aos conteúdos da aula, propiciando assim momentos de interação que favoreçam o processo de aprendizagem e a construção de novos conhecimentos.

Em relação a mudança de papéis, a tutoria tem representado para os docentes que estão acostumados com o ensino presencial, um enriquecimento de sua própria atuação, fato que eles só reconhecem após algum tempo de vivência neste novo cenário. Normalmente, ao iniciar o exercício desse novo papel, o docente sente necessidade de ser menos dirigente e mais gerenciador: afinal, no ensino presencial, ele está acostumado a definir o caminho que os alunos podem seguir, como e quando farão isso.

Entretanto, tem-se percebido que o tutor que exerce essa função há mais tempo consegue dinamizar melhor a turma e conseqüentemente obter melhores resultados. Já o professor calouro, muitas vezes por ainda estar “preso” a dinâmica do ensino presencial sente-se menos à vontade para assumir a postura de um professor on-line. Isso pôde ser percebido a partir da qualidade e intensidade de interação do professor com a turma.

Em contrapartida, muitos alunos comentam que há professores se comunicando melhor por meio de ferramentas on-line, do que em sala de aula presencial, pois o diálogo é mais direcionado e individualizado e o fato do professor não estar fisicamente presente requer que ele dedique maior atenção a cada situação nova dentro do curso.

3. FREQUÊNCIA e PARTICIPAÇÃO

Um dos grandes atrativos dos cursos on-line continua sendo a flexibilidade dos horários de acesso ao ambiente virtual de aprendizagem, tanto pelo aluno quanto pelo professor. Afinal, eles podem acessar no horário e no local que lhe forem mais convenientes. Por outro lado, esta liberdade precisa ser dosada, pois muitos alunos ainda não estão habituados a gerenciar o próprio tempo e se não forem definidas algumas regras acabam por deixar a participação para última hora e quase sempre acaba sendo tarde demais para recuperar as aulas e atividades perdidas.

Em vista disso, torna-se essencial que durante o planejamento do curso seja definido a periodicidade para publicação das aulas, o período de duração de cada uma, o tempo de estudo necessário para realização das atividades e leituras dos textos propostos. No geral, sugere-se uma dedicação de, no mínimo, quatro horas de estudo por semana, pois os alunos precisam além do tempo para ler o conteúdo e realizar as atividades, reservar um horário para interagir com os colegas e/ou professor. Uma maneira de motivar essa participação é vinculá-la a presença nas aulas on-line, evitando a reprovação por falta.

Aliás, essa é uma regra que precisa ser muito bem esclarecida, logo no início das aulas, evitando argumentos de alunos de que o modelo on-line não deveria controlar frequência, uma vez que não estão fisicamente representados para tal controle. Por outro lado, há aqueles que preferem essa exigência para garantir a presença por meio da participação e evitar que se acomodem e só apareçam no curso em atividades que tenham valores atribuídos.

Um bom parâmetro para controlar a frequência dos alunos ao curso é o percentual de acesso ao conteúdo e a participação em exercícios, fóruns e chats, entre outras atividades, de acordo com os critérios adotados por cada professor responsável. Esse controle pode ser realizado eletronicamente, com a ajuda de relatórios estatísticos gerados pelo próprio sistema ou com a ajuda de uma planilha eletrônica.

Conforme tem sido observado, ao oferecer ao aluno uma elevada flexibilidade em termos de espaço, tempo e ritmo de estudo, e ao respeitar as necessidades e preferências de cada um, há um aumento na busca por melhores meios de realizar estudos que podem ser classificados como “personalizados”. Percebe-se que os alunos estão cada vez mais conscientes da significativa autonomia que possuem durante o processo de trabalho com as disciplinas on-line, apesar de ainda encontrarem algumas dificuldades para gerenciá-la.

4. PLANEJAMENTO E AUTORIA

Grande parte dos alunos matricula-se em disciplinas on-line sem mesmo antes conhecer o conteúdo das aulas e com expectativas de que ele seja igual ou melhor ao material oferecido da modalidade presencial, uma vez que não terão professor “fisicamente” presente para explicar detalhadamente o objetivo da aula. Supõe-se, então, que se o curso não apresentar o conteúdo de uma forma motivadora, interessante, objetiva e não contar com o acompanhamento sistemático do professor, o aluno tende a abandoná-lo.

A falta de interação nos textos, quando não apresentam recursos de áudio, vídeo, animação, hiperlink torna a leitura cansativa e monótona, ainda mais sendo realizada na tela do computador. Durante a autoria, o professor precisa desenvolver um texto que seja menos técnico do que aqueles normalmente apresentados em livros e que tenha uma linguagem mais direta, como se o professor estivesse dialogando, naquele

momento, com os alunos. Para facilitar tal desenvolvimento, inserir exemplos relacionados ao dia-a-dia deles é uma boa estratégia.

Além disso, torna-se imprescindível que o professor desenvolva um planejamento bastante criterioso, levando em consideração além dos itens padrões de qualquer documento desta natureza, características como a interface do curso, que deverá ser agradável, atrativa; os recursos de interação, como Fórum de Discussão, Chat, Lista de Discussão e os diferentes tipos de interação, que poderão variar de acordo com o momento, a situação e principalmente, os participantes envolvidos.

A elaboração e planejamento das atividades on-line, geralmente, é realizada sob a orientação de uma equipe multidisciplinar que visa diminuir a distância física e temporal entre o aluno e o professor, através de enunciados de atividades bem definidos, textos de fácil leitura, glossários do conteúdo, pois se o aluno encontrar alguma dificuldade, isso tende a desencadear diversos problemas, como: a falta de motivação para continuar a atividade, o acúmulo de dúvidas e a sobrecarga de e-mails para o professor. Enfim, dificuldades que seriam muitas vezes sanadas instantaneamente na sala de aula presencial, mas que, no on-line requer a mobilização de diversos atores do processo, que pode ser evitada por meio de um bom planejamento.

Para tanto, o professor autor deve ser sempre incentivado a utilizar, intensivamente, no desenvolvimento do conteúdo recursos de hipertexto e hipermídia, inserindo imagens que representem a mensagem do texto, explicação para palavras complicadas, links para maiores esclarecimentos, fomentando um ambiente de aprendizagem do tipo exploratória, diferenciando-o do sistema de ensino linear do método expositivo e presencial.

É importante também que as atividades propostas sejam programadas antecipadamente no calendário de cada disciplina de forma a permitir momentos de interação com os colegas que estarão no mesmo período se dedicando àquela atividade. Para potencializar os momentos de interação o professor pode contar ainda com ferramentas de chat (comunicação síncrona), onde pode discutir temas de interesse, esclarecer dúvidas ou apresentar convidados, especialistas sobre o tema proposto, tudo isso em tempo real.

A grande dificuldade ainda percebida no uso de ferramentas síncronas é o gerenciamento do tempo por parte dos alunos, que muitas vezes não conseguem conciliar a agenda com o horário programado para estar on-line, síncronamente, com o

professor ou com os demais colegas. Para tanto, como regra geral, os horários devem ser agendados antecipadamente e sempre com mais de uma opção no mesmo dia, de preferência um horário pela manhã e outro pela noite, oferecendo maior flexibilidade aos alunos

Além dos momentos de interação, o professor precisa preocupar-se em mostrar que está presente, mesmo que virtualmente, transmitindo segurança e tranquilidade aos alunos para que não se sintam sozinhos ou abandonados no ambiente virtual. Neste caso, mensagem de motivação, avisos, notificações ou informações sobre aulas e eventos de interesse do grupo devem ser postadas, no mínimo uma vez por semana, pelo tutor. Com estas ações alterara-se o aspecto visual do curso e a cada acesso o aluno visualiza um layout diferente do anterior, garantindo a ele que alguém passou por ali.

Mesmo contemplando todas estas opções para dinamizar o curso, o resultado, poderá, ainda, não ser totalmente satisfatório.

5. APRENDIZAGEM

No início da EaD, a teoria de aprendizagem mais utilizada era a teoria behaviorista, que considera as respostas dos alunos sempre passíveis de serem reforçadas por algum sistema de premiação. Esta foi a época da hegemonia da “Instrução Programada” – sistema de auto-estudo com sua ênfase nos conteúdos, considerado o ápice da aplicação educacional behaviorista.

Mais tarde, com o aparecimento das teorias cognitivistas e construtivistas, passou-se a valorizar mais o processo do que os conteúdos, bem como as capacidades internas do aprendiz, como sua percepção, memória, raciocínio crítico, comparativo, construção de estruturas mentais para entender conceitos e princípios, etc. Seguindo os princípios dessas teorias as redes colaborativas de aprendizagem foram sendo fortalecidas e os alunos passaram a ser motivados a expressar melhor suas idéias, defendê-las e redefini-las, acompanhar a discussão de colegas, o que também contribui para a construção do seu conhecimento. Isso tudo não limitado ao tempo de uma sala de aula.

Na prática, durante as aulas on-line, os alunos devem ser incentivados a assumirem papel de aprendizes e a desenvolver atividades em que sejam sujeitos ativos do processo, ao invés de ficar isolados sem interagir com o restante do grupo. Para

tanto, a todo instante, devem ser motivados pelo professor a interagir junto aos colegas através dos recursos tecnológicos como chats, fóruns, listas de discussão, atividades e exercícios em grupos, trocas de e-mail do ambiente virtual, construindo e ajudando a construir conhecimentos de forma diferenciada do ensino presencial.

Mas nem todos se adaptam a este novo modelo de ensino-aprendizagem, há alunos que ainda preferem a sala de aula e a presença física do professor. Muitos acreditam que é preciso menos esforço e dedicação no ensino presencial, uma vez que basta ouvir o discurso do professor e estar presente na sala de aula que conseguem garantir a frequência e aprendizagem, diferente do on-line em que a presença é garantida apenas quando há participação em alguma atividade e o conhecimento só é construído a partir de muita leitura e interação. Estes alunos, em sua maioria, geralmente, só optam pelo on-line pela comodidade de acesso e flexibilidade de tempo.

Enfim, aprender a aprender, autonomia e iniciativa são competências que devem ser propiciadas aos alunos de qualquer proposta de EaD, pois quando o aluno assume o comando de seu próprio desenvolvimento em atividades que lhe são significativas e lhe despertam o prazer observa-se que aprender torna-se um ato de alegria e contentamento, no qual o cognitivo e o afetivo estão unidos um ao outro. Os meios a distância, no entanto, muito mais que nos presenciais, dependem da autonomia de forma estrita na sucessão de seus estados de mudanças.

6. CONCLUSÕES

As competências científica e pedagógica do professor ainda são fundamentais para um bom desempenho do aluno no processo educacional como um todo, independente do meio em que está atuando, numa sala de aula presencial ou virtual, é preciso que ele tenha consciência do processo de transformação e assimilação de conhecimentos para poder criar estratégias eficazes de aprendizagem.

Quanto aos alunos, percebe-se que os recursos de comunicação e interação têm motivado a participação nas aulas e propiciado, inclusive, a gerência de sua própria aprendizagem, uma característica muito exigida de indivíduos que participam de cursos

on-line. Há ainda aqueles que se sentem perdidos no tempo e espaço, não conseguem utilizar a autonomia concedida como ponto favorável, o que muitas vezes é até compreensível, pois durante toda a vida aprender se resumia em ser ouvinte, o único personagem ativo do processo era o professor que “despejava” conteúdos acreditando ser a transmissão a melhor forma de ensinar.

Em síntese, a possibilidade de conciliar os recursos oferecidos pelas tecnologias da informação e comunicação com os princípios já existentes de educação a distância, tem possibilitado um trabalho cooperativo, colaborativo e interativo, sobretudo permitido uma atualização constante das informações.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. São Paulo: Cortez Editores Associados, 1999.

CAMPOS, Gilda Helena B., **Avaliação em cursos online**, TI Máster, 2002a. disponível em http://www.timaster.com.br/revista/colunistas/ler_colunas_emp.asp?cod=522, consultado em 25/05/2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura)**; Volume 1, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2a. ed., 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

MORAN, José M. **Mudanças na Comunicação Pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PALLOF, Rena M. & PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line**. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

PETERS, Otto. **Didática do Ensino a distância**. Trad. Ilson Kayser. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2001.